

Tecendo saberes: metodologias participativas para o fortalecimento do Artesanato e do Design

Tejiendo Saberes: metodologías Participativas para el Fortalecimiento del Artesanato y el Diseño

Weaving Knowledge: participatory Methodologies for Strengthening Craftsmanship and Design

Miguel A Lopes, Raquel F Ponte

metodologias participativas, artesanato e design, saberes tradicionais

Este artigo tem como objetivo propor metodologias participativas para reequilibrar a relação entre artesãos e designers no projeto “Caminhos de Barro”, valorizando saberes tradicionais e promovendo colaboração. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, utilizou revisão bibliográfica, observação participante e entrevistas semiestruturadas, com análise de conteúdo para interpretação dos dados. Foram propostas três metodologias: “Roda de Conversa Puxando o Fio da Memória”, para resgatar memórias coletivas; “Eu e o Artesanato”, focada no autoconhecimento e valorização profissional; e “Oficina de Formação de Rede Participativa”, para fortalecer laços colaborativos. As propostas visam um design mais inclusivo e democrático.

metodologías participativas, artesanato y diseño, saberes tradicionales

Este artículo tiene como objetivo proponer metodologías participativas para reequilibrar la relación entre artesanos y diseñadores en el proyecto “Caminhos de Barro”, valorizando los saberes tradicionales y promoviendo la colaboración. La investigación, de carácter cualitativo y exploratorio, utilizó revisión bibliográfica, observación participante y entrevistas semiestructuradas, con análisis de contenido para la interpretación de los datos. Se propusieron tres metodologías: “Rueda de Conversación Tirando del Hilo de la Memoria”, para rescatar memorias colectivas; “Yo y el Artesanato”, enfocada en el autoconocimiento y la valorización profesional; y “Taller de Formación de Red Participativa”, para fortalecer lazos colaborativos. Las propuestas buscan un diseño más inclusivo y democrático.

participatory methodologies, craftsmanship and design, traditional knowledge

This article aims to propose participatory methodologies to rebalance the relationship between artisans and designers in the “Caminhos de Barro” project, valuing traditional knowledge and promoting collaboration. The research, qualitative and exploratory in nature, used bibliographic review, participant observation, and semi-structured interviews, with content analysis for data interpretation. Three methodologies were proposed: “Conversation Circle Pulling the Thread of Memory”, to rescue collective memories; “Me and Craftsmanship”, focused on self-knowledge and professional valorization; and “Participatory Network Formation Workshop”, to strengthen collaborative ties. The proposals aim for a more inclusive and democratic design.

1 Introdução

O design da informação tem se consolidado como uma ferramenta essencial para promover experiências inclusivas e participativas em diversos contextos sociais. Sua abordagem centrada na clareza, acessibilidade e engajamento do usuário se alinha diretamente com os princípios das metodologias participativas, que valorizam a cocriação e a democratização dos processos decisórios. No âmbito do artesanato, esse campo de estudo abre caminho para novas formas de interação entre designers, artesãos e comunidades, facilitando a troca de saberes e o fortalecimento de identidades coletivas. Nesse sentido, o design da informação atua como mediador, traduzindo linguagens técnicas e visuais em formatos que respeitam os saberes tradicionais, enquanto as metodologias participativas garantem que essas soluções sejam construídas de forma colaborativa.

Nesse cenário, as metodologias participativas emergem como estratégias fundamentais para fomentar processos colaborativos e democráticos, especialmente em projetos que buscam integrar diferentes atores e saberes. Elas não apenas facilitam a comunicação horizontal, mas também estruturam fluxos de informação que evitam hierarquias rígidas, um aspecto crítico quando designers e artesãos compartilham espaços de criação. Este artigo tem como objetivo apresentar três propostas de metodologias participativas desenvolvidas no contexto do projeto de extensão “Caminhos de Barro”, da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), com o intuito de contribuir para a redução de disparidades na relação entre artesãos e outros colaboradores, como designers.

O projeto “Caminhos de Barro” nasceu com a missão de valorizar o artesanato em cerâmica e fortalecer a economia local, vinculado ao Centro de Ciências do Homem (CCH) e ao Centro de Ciência e Tecnologia (CTT) da UENF. Mais do que uma iniciativa de produção artesanal, o projeto se enquadra no conceito de “Artesanato de referência cultural” (Sebrae, 2004), no qual as peças carregam consigo a identidade e a história do território onde são produzidas, combinando tradição e inovação.

Ao longo dos anos, o projeto consolidou uma estética própria, refletindo a memória coletiva dos participantes e reafirmando a cerâmica como expressão cultural viva. No entanto, observou-se que intervenções externas, embora possam fortalecer vínculos com a atividade artesanal, também podem gerar desafios, como a descaracterização do processo produtivo tradicional e a criação de padrões desconexos com a realidade do grupo. Essa tensão evidencia a necessidade de metodologias que equilibrem inovação e preservação cultural, papel no qual o design da informação e as abordagens participativas se complementam.

Diante desses desafios, foram propostas três metodologias participativas no âmbito da dissertação intitulada “Caminhos de Barro”: articulações do Campo do Design com o Ofício Artesanal em Cerâmica, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGD/EBA/UFRJ). As metodologias são: 1) “Roda de Conversa Puxando o Fio da Memória”; 2) “Eu e o Artesanato: autoconhecimento e autorreconhecimento do ofício e profissão de artesãos”; e 3) “Oficina de Formação de Rede

Participativa”. Cada uma delas incorpora ferramentas do design da informação, como mapas mentais, registros visuais e diagramas de fluxo, para materializar o diálogo e garantir que os resultados sejam acessíveis e aplicáveis. Essas propostas visam não apenas compreender as transformações identitárias e produtivas dos artesãos, mas também criar um espaço de diálogo e colaboração que minimize as disparidades entre artesãos e outros colaboradores, como designers, promovendo uma relação mais equilibrada e produtiva.

Na sequência, são detalhadas as três metodologias participativas propostas, explorando seus objetivos, dinâmicas e potencial de aplicação prática. Por fim, são apresentadas as considerações finais e referências, destacando as principais percepções e contribuições do estudo, seguidas pelas referências bibliográficas.

2 Fundamentos teóricos

O design participativo tem sido amplamente debatido como uma abordagem que busca equilibrar as relações entre designers e comunidades envolvidas no processo criativo. Segundo Manzini (2015), o design social deve atuar como um facilitador de processos, promovendo colaboração e autonomia para os participantes. Essa perspectiva é essencial ao considerar o contexto do artesanato, no qual os saberes tradicionais são frequentemente desvalorizados frente às lógicas de mercado e produção em larga escala. A aproximação entre design e práticas artesanais requer, portanto, uma compreensão profunda dos contextos culturais e sociais nos quais essas práticas estão inseridas, bem como um compromisso com a valorização dos saberes locais (Sebrae, 2015).

A proposta de metodologias participativas como resposta ao desequilíbrio entre designers e artesãos encontra respaldo em autores como Freire (2005), que destaca a importância da educação dialógica e da valorização dos saberes locais. A abordagem freireana reforça que a participação ativa dos sujeitos é fundamental para que o processo educativo — ou criativo — não se torne impositivo, mas sim uma construção coletiva do conhecimento. Essa ideia se alinha à necessidade de criar espaços de escuta e compartilhamento de experiências dentro dos processos de design, garantindo que os participantes não sejam meros receptores passivos das soluções propostas pelos designers (Sanders, 2002).

No campo do design da informação, Bonsiepe (1997) argumenta que as práticas de design não devem se restringir à estetização de produtos, mas sim atuar como mediadoras de processos sociais, criando espaços de troca e cocriação. Essa perspectiva é essencial ao se discutir a inserção de designers em contextos artesanais, pois evidencia a necessidade de respeitar a dinâmica pré-existente da comunidade. Ao mesmo tempo, autores como Margolin (2002) destacam que o design tem um papel ético a cumprir, no sentido de contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico das comunidades envolvidas. Essa visão é particularmente relevante no contexto do projeto “Caminhos de Barro”, que busca integrar práticas tradicionais de cerâmica com abordagens contemporâneas de design.

A memória e a identidade também são aspectos centrais para a compreensão do impacto das metodologias participativas propostas. Segundo Hall (1996), a identidade é um processo dinâmico de construção social, influenciado por experiências históricas e interações coletivas. Nesse sentido, a metodologia “Roda de Conversa Puxando o Fio da Memória” se alinha às discussões sobre memória coletiva apresentadas por Halbwachs (1992), que defende que a identidade de um grupo é constantemente reforçada pela recordação compartilhada de experiências passadas. No contexto do artesanato, essa construção identitária é atravessada por influências externas, como políticas culturais, dinâmicas de mercado e intervenções do design, que podem tanto fortalecer quanto descaracterizar o ofício artesanal (Thackara, 2005).

A discussão sobre redes colaborativas e formas de organização social também é relevante para a fundamentação teórica deste estudo. Segundo Castells (1999), a construção de redes participativas possibilita um fluxo mais horizontal de conhecimento e a distribuição de poder entre os participantes. No contexto do artesanato, esse modelo de rede se mostra essencial para a construção de dinâmicas colaborativas que rompam com padrões hierárquicos de criação e comercialização. A metodologia “Oficina de Formação de Rede Participativa” proposta no projeto “Caminhos de Barro” reflete essa preocupação, buscando criar um ambiente de confiança e cooperação entre artesãos, designers e outros colaboradores (Brown; Wyatt, 2010).

Essas discussões fornecem subsídios para compreender a relevância das metodologias propostas e seus potenciais impactos no contexto do design e do artesanato, reforçando a necessidade de abordagens mais democráticas e sustentáveis no desenvolvimento de projetos colaborativos. Ao integrar essas perspectivas, o projeto “Caminhos de Barro” busca não apenas fortalecer a relação entre artesãos e designers, mas também contribuir para a preservação e inovação do artesanato como expressão cultural viva.

3 Métodos e técnicas

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, utilizando o estudo de caso como método central (Yin, 2010). Essa metodologia faz parte da dissertação intitulada “Caminhos de Barro”: articulações do Campo do Design com o Ofício Artesanal em Cerâmica, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O objetivo é compreender as dinâmicas de transformação identitária e produtiva no contexto do projeto “Caminhos de Barro”, a partir das experiências e percepções das artesãs participantes. Para isso, foram empregadas três técnicas principais de coleta de dados: (i) revisão bibliográfica, (ii) observação participante e (iii) entrevistas semiestruturadas.

A revisão bibliográfica foi conduzida com base no modelo de Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS), seguindo as diretrizes propostas por Santos (2018). Essa abordagem permitiu a organização do corpus teórico e a identificação de estudos relevantes sobre temas

como design participativo, identidade no artesanato e metodologias colaborativas. A revisão serviu como base para contextualizar o estudo e fundamentar as análises posteriores.

A observação participante foi realizada ao longo de cinco dias de imersão na oficina do projeto Caminhos de Barro. Essa técnica permitiu um contato direto com as dinâmicas de produção e interação entre os artesãos, captando nuances que dificilmente seriam percebidas apenas por meio de entrevistas (Lopes, 2023, p. 75). A presença do pesquisador no ambiente da oficina proporcionou percepções valiosas sobre as relações entre artesãos, designers e outros colaboradores, além de revelar aspectos práticos e emocionais do processo produtivo.

As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas a artesãos, bolsistas e colaboradores do projeto, com o objetivo de captar percepções subjetivas sobre as mudanças no processo produtivo e a influência do design. Os relatos das artesãs evidenciaram tanto os benefícios quanto os desafios da colaboração com designers, revelando uma relação que, em alguns momentos, ainda se mostra hierárquica (Lopes, 2023, p. 89). As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas para identificar padrões e temas relevantes.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009). Essa abordagem permitiu a categorização dos discursos coletados, identificando padrões e temas emergentes relacionados às transformações identitárias e produtivas das artesãs. A análise de conteúdo foi fundamental para compreender como as metodologias participativas propostas impactaram a relação entre design e artesanato, bem como os processos de ressignificação da identidade profissional das participantes.

4 Do desequilíbrio à colaboração: por que implementar metodologias participativas?

Ao longo do desenvolvimento do projeto Caminhos de Barro, observou-se que a relação entre designers e artesãos frequentemente se estabelecia de maneira verticalizada, resultando em uma prática assistencialista que pouco considerava as experiências, valores e saberes das artesãs. Como destaca Lopes (2023, p. 92), "as capacitações e intervenções externas muitas vezes ignoravam as narrativas e subjetividades do grupo, impondo soluções que nem sempre se alinhavam à identidade coletiva". Essa dinâmica gerava um desequilíbrio de poder, no qual os saberes tradicionais eram subjugados às lógicas de mercado e às visões externas, comprometendo a autenticidade e a autonomia do trabalho artesanal.

Diante desse cenário, a proposta de metodologias participativas surgiu como uma resposta conceitual para reequilibrar a relação entre designers e artesãos, garantindo que as artesãs pudessem ser protagonistas nas decisões sobre suas próprias produções e processos criativos. Embora essas metodologias não tenham sido implementadas na prática, elas foram elaboradas com base nas diretrizes do design social (Manzini, 2015), visando fomentar um ambiente de colaboração mútua e promover a autonomia e o fortalecimento da identidade

artesanal. A proposta busca, assim, oferecer um caminho teórico para transformar a dinâmica do projeto, valorizando os saberes locais e as experiências das artesãs.

A necessidade dessas metodologias também se justifica pela crítica à prática produtivista, na qual a produção artesanal era frequentemente ajustada às exigências de mercado, desconsiderando a historicidade e os saberes locais. Essa abordagem, além de descaracterizar o processo criativo tradicional, reforçava uma lógica de dependência, na qual os artesãos eram vistos como meros executores de ideias externas. As metodologias participativas propostas buscam, portanto, criar espaços de escuta ativa, troca de experiências e cocriação, valorizando a memória coletiva e os saberes tradicionais como pilares fundamentais do processo criativo. Embora ainda não tenham sido aplicadas, elas representam um esforço teórico para mitigar os impactos negativos das intervenções externas e fortalecer a identidade coletiva das artesãs.

Além disso, a proposta dessas metodologias está alinhada aos princípios do design participativo (Sanders, 2002), que defende a inclusão de todos os *stakeholders* no processo de tomada de decisão. Essa abordagem, ainda que conceitual, busca democratizar o processo criativo e promover um senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada, essencial para a sustentabilidade de projetos colaborativos. No contexto do “Caminhos de Barro”, as metodologias participativas foram estruturadas como uma resposta teórica aos desafios identificados, oferecendo um modelo que pode ser testado e adaptado em futuras intervenções.

5 Análise das propostas de metodologias participativas

As três metodologias participativas sugeridas para o projeto “Caminhos de Barro” foram desenvolvidas como soluções teóricas para os desafios observados na relação entre artesãos e designers, particularmente no que se refere à centralização das decisões e à subvalorização dos saberes tradicionais. Apesar de ainda não terem sido colocadas em prática, essas propostas refletem uma tentativa de construir um modelo de intervenção mais democrático e colaborativo, fundamentado nos princípios do design participativo e da educação popular. A seguir, cada metodologia é detalhada, destacando seus objetivos, dinâmicas e potenciais impactos.

Além disso, as metodologias serão apresentadas em conjunto com uma tabela que organiza e sintetiza os tópicos temáticos, objetivos, métodos e participantes de cada proposta. Essa tabela visa facilitar a compreensão das propostas e sua aplicação prática, oferecendo uma visão clara e estruturada.

1. “Roda de conversa puxando o fio da memória”

A primeira metodologia proposta, intitulada “Roda de Conversa Puxando o Fio da Memória”, teve como objetivo resgatar e valorizar a memória coletiva das artesãs, reconhecendo suas trajetórias individuais e coletivas como parte fundamental da identidade do grupo. Inspirada nas ideias de Halbwachs (1992) sobre memória coletiva, a atividade foi pensada como um espaço

de diálogo no qual as participantes pudessem compartilhar histórias, experiências e saberes relacionados ao ofício da cerâmica.

A dinâmica proposta consistia em sessões de conversa mediadas por um facilitador, utilizando técnicas de *storytelling* e mapeamento de memórias. As artesãs seriam convidadas a trazer objetos, fotos ou peças que representassem momentos significativos de suas trajetórias, criando um ambiente de troca e reflexão. Como destacado por Lopes (2023, p. 102), "a memória não é apenas um registro do passado, mas uma ferramenta de construção identitária no presente". Assim, a "Roda de Conversa" busca não apenas fortalecer os vínculos entre as participantes, mas também reafirmar a cerâmica como expressão cultural viva, conectada à história e ao território.

Tabela 1: Sugestões de tópicos temáticos e metodologias participativas para formação da rede comunitária de artesãos para a oficina "Roda de Conversa Puxando o Fio da Memória".

Tópicos Temáticos	Objetivos	Método	Participantes
1 Roda de Conversa Puxando o Fio da Memória	- Organizar informações e contextualização histórica sobre o "Projeto Caminhos de Barro" em uma perspectiva de percepção dos artesãos e escuta ativa dos colaboradores	- Roda de Conversa - Linha do Tempo (Contextualização geohistórica) - Cartografia Social ou Socioparticipativa (Mapeamento e visualização do projeto no território)	- Agente Externo Neutro (mediador/facilitador) - Artesãos e familiares - Coordenadores do "Caminhos de Barro" - Colaboradores em geral

2. "Eu e o Artesanato: autoconhecimento e autorreconhecimento do ofício e profissão"

A segunda metodologia, "Eu e o Artesanato: autoconhecimento e autorreconhecimento do ofício e profissão", foi elaborada com base nos princípios da educação popular de Paulo Freire (2005), que enfatiza a reflexão crítica e a valorização dos saberes individuais e coletivos. O objetivo central era promover o autoconhecimento e o autorreconhecimento das artesãs como profissionais do artesanato, combatendo estigmas e desvalorizações associadas ao ofício.

A proposta inclui dinâmicas reflexivas nas quais as participantes analisariam suas próprias trajetórias, discutindo desafios, conquistas e o valor simbólico de seu trabalho. Uma das atividades sugeridas é a criação de um "mapa da jornada", no qual cada artesã representaria visualmente sua trajetória no ofício, desde os primeiros contatos com a cerâmica até os desafios atuais. Como observado por Lopes (2023, p. 108), "o reconhecimento do artesanato como profissão foi um dos pontos centrais dessas dinâmicas, permitindo que as participantes

reconfigurassem sua relação com o próprio ofício". Essa metodologia busca, portanto, fortalecer a identidade profissional das artesãs, incentivando-as a se verem não apenas como produtoras, mas como detentoras de um saber único e valioso.

Tabela 2: Sugestões de tópicos temáticos e metodologias participativas para a formação de uma rede comunitária de artesãos na oficina "Eu e o Artesanato: autoconhecimento e autorreconhecimento do ofício e profissão".

Tópicos Temáticos	Objetivos	Método	Participantes
2 Eu e o Artesanato: autoconhecimento e autorreconhecimento do ofício e profissão de artesãos	- Levantar percepções sobre as potencialidades da vocação produtiva de cada membro artesão e do grupo como um todo - Identificar potenciais multiplicadores	- Storytelling (Contaçaõ de Histórias) - Aquário (Roda de Conversa mediada) - Dragon Dreaming	- Agente Externo Neutro (mediador/facilitador) - Artesãos e familiares

3. "Oficina de formação de rede participativa"

A terceira metodologia, "Oficina de formação de rede participativa", foi pensada para fortalecer os laços entre as artesãs e promover uma estrutura colaborativa de troca de conhecimentos e apoio mútuo. Inspirada nas ideias de Castells (1999) sobre redes colaborativas, a proposta visa criar um ambiente no qual as participantes pudessem planejar ações conjuntas, compartilhar recursos e aumentar sua autonomia frente a intervenções externas.

A dinâmica proposta inclui a construção coletiva de planos de ação, nos quais as artesãs identificariam desafios comuns e estratégias para superá-los. A oficina também prevê a utilização de ferramentas visuais, como mapas mentais e quadros de planejamento, para facilitar a comunicação e o registro das discussões em tempo real. Como destacado no texto integral, "a linguagem deve ser ajustada e sugerimos que se adotem procedimentos metodológicos que exponham os resultados das oficinas de forma visual e em tempo real" (Lopes, 2023). Essa abordagem busca não apenas fortalecer a organização interna do grupo, mas também criar um modelo de gestão participativa que pudesse ser replicado em outros contextos.

Tabela 3: Tópicos e metodologias participativas sugeridos para a construção de uma rede comunitária de artesãos na “Oficina de formação de rede participativa”.

Tópicos Temáticos	Objetivos	Método	Participantes
3 Oficina de Formação de Rede Participativa	- Reconhecer pontos focais (nós da rede) identificando a hierarquia das relações. - Mapear potenciais colaboradores pela perspectiva de artesãos e colaboradores e que ainda não estão no processo	- Teia da Vida (Conectando pessoas físicas e jurídicas) - Diagrama de Venn (Visualizando as parcerias do passado, presente e futuro)	- Agente Externo Neutro (mediador/facilitador) - Artesãos e familiares - Coordenadores do “Caminhos de Barro” - Colaboradores em geral

6 Considerações Finais

Este artigo buscou apresentar e analisar três propostas de metodologias participativas — “Roda de conversa puxando o fio da memória”, “Eu e o Artesanato: autoconhecimento e autorreconhecimento do ofício e profissão” e “Oficina de formação de rede participativa”, como respostas teóricas aos desafios identificados no projeto “Caminhos de Barro”. Apesar de não terem sido implementadas na prática, essas metodologias representam um esforço para reequilibrar a relação entre artesãos e designers, promovendo um ambiente mais democrático, colaborativo e respeitoso com os saberes tradicionais. Essas propostas se articulam com o Design da Informação ao utilizarem ferramentas visuais e estratégias de comunicação que sistematizam e tornam acessíveis os saberes compartilhados, como mapas mentais, registros gráficos das rodas de conversa e diagramas de fluxo para a rede colaborativa, garantindo que os conhecimentos tradicionais sejam documentados e ressignificados sem perder sua essência.

A “Roda de conversa puxando o fio da memória” destacou-se como uma ferramenta para resgatar e valorizar a memória coletiva das artesãs, fortalecendo os vínculos entre as participantes e reafirmando a cerâmica como expressão cultural viva. Nesse contexto, o Design da Informação atua como mediador, traduzindo narrativas orais em suportes visuais que preservam a história do grupo e facilitam sua transmissão para novas gerações. Ao criar um espaço de diálogo e troca de experiências, essa metodologia busca não apenas preservar a história do grupo, mas também reforçar sua identidade coletiva, conectando passado, presente e futuro.

Já a proposta “Eu e o Artesanato” focou no autoconhecimento e autorreconhecimento das artesãs como profissionais do artesanato, combatendo estigmas e desvalorizações associadas ao ofício. Aqui, o Design da Informação contribui ao transformar reflexões individuais em materiais tangíveis, que valorizam a trajetória das artesãs e ampliam sua visibilidade no mercado. Baseada nos princípios da educação popular de Freire (2005), essa metodologia incentivou a reflexão crítica sobre as trajetórias individuais e coletivas, promovendo uma reconfiguração da relação das artesãs com seu próprio trabalho. Ao fortalecer a identidade profissional das participantes, a proposta busca empoderá-las, reconhecendo seu papel como detentoras de um saber único e valioso.

Por fim, a “Oficina de formação de rede participativa” foi pensada para fortalecer os laços entre as artesãs e promover uma estrutura colaborativa de troca de conhecimentos e apoio mútuo. O Design da Informação potencializa essa rede ao criar plataformas de compartilhamento que organizam e democratizam o acesso a informações críticas, desde técnicas cerâmicas até canais de comercialização. Inspirada nas ideias de Castells (1999) sobre redes colaborativas, essa metodologia visava criar um ambiente no qual as participantes pudessem planejar ações conjuntas, compartilhar recursos e aumentar sua autonomia frente a intervenções externas. A proposta representa um passo importante na construção de um modelo de gestão participativa, que pode ser replicado em outros contextos.

Em conjunto, essas metodologias refletem um compromisso ético e social com a valorização dos saberes tradicionais e a promoção de relações mais equilibradas e colaborativas. Elas demonstram como o Design da Informação pode ser um aliado na mediação entre designers e artesãos, ao transformar complexidades culturais em linguagens acessíveis e ao estruturar fluxos de comunicação que evitam hierarquias. Elas oferecem um modelo conceitual que pode ser adaptado e implementado em futuras intervenções, contribuindo para a sustentabilidade e o fortalecimento do projeto “Caminhos de Barro”. Além disso, as propostas destacam a importância de abordagens participativas no design, que reconheçam e valorizem a diversidade cultural e promovam o desenvolvimento social e econômico das comunidades envolvidas.

Por fim, este estudo reforça a necessidade de continuar investigando e aplicando metodologias participativas em contextos artesanais, explorando sinergias entre Design da Informação e saberes tradicionais para criar soluções inovadoras que partam das demandas reais dos artesãos. Futuras pesquisas poderão testar e avaliar a eficácia dessas propostas, contribuindo para a construção de um campo teórico e prático mais inclusivo e sustentável.

7 Referências

- Bardín, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bonsiepe, G. (1997). *Design: do material ao digital*. São Paulo: Edgard Blücher.
- Brown, T., & Wyatt, J. (2010). Design thinking for social innovation. *Stanford Social Innovation Review*, 8(1), 30-35.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do oprimido* (50ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Halbwachs, M. (1992). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Hall, S. (1996). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Lopes, M. A. (2023). *“Caminhos de Barro”: articulações do Campo do Design com o Ofício Artesanal em Cerâmica* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Manzini, E. (2015). *Quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social*. Porto Alegre: Bookman.
- Margolin, V. (2002). *The politics of the artificial: essays on design and design studies*. Chicago: University of Chicago Press.
- Portelli, A. (1991). *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history*. Albany: SUNY Press.
- Santos, A. dos. (2018). *Seleção do método de pesquisa: guia para pós-graduandos em Design e áreas afins* (Vol. 1). Curitiba: Editora Insight.
- Sanders, E. B.-N. (2002). From user-centered to participatory design approaches. In J. Frascara (Ed.), *Design and the social sciences: Making connections* (pp. 1-258). London: Taylor & Francis.
- SEBRAE. (2015). *Artesanato brasileiro: Mercado e identidade cultural*. Brasília: SEBRAE.
- Thackara, J. (2005). *In the bubble: Designing in a complex world*. MIT Press.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Miguel de Araujo Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil,
gcmiguelaraujo@gmail.com

Raquel Ferreira da Ponte, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil,
raquelponete@eba.ufrj.br